

DEVIRES, AFECÇÕES, ENSAIOS E CINDERELAS: DRAMATIZANDO A DOCÊNCIA EM COMPOSIÇÕES COM AS APRENDIZAGENS INVENTIVAS E OS BONS ENCONTROS

Maria Riziane Costa Prates¹
Roger Vital França de Andrade²

Resumo: Interroga e problematiza devires docentes, afetos e afecções experimentados na vivência com professoras e alunos em uma escola de ensino fundamental do município de Vitória. Tematiza *processos dinâmicos*, que em sua polifonia, atravessam as criações teatrais, colocando em cena forças e potências no traçado de um plano de composição. Apresenta como os sujeitos da escola pesquisada e teatros e Cinderelas negras e ruivas e loiras e grandes e pequenas e meninos e meninas e príncipes se constituem pela experimentação, em uma docência, uma aula, um drama, como diferença e invenção, na implicação conectiva de ideias para o entendimento do que não quer se tornar o mesmo, como um corpo que sofre de seus encontros e afecções dramatizados na docência e na vida; condição de bons encontros e de aprendizagens interessantes e inventivas.

Palavras-chave: Devir docência; bons encontros; invenção.

*Façamos da interrupção, um caminho novo.
Da queda, um passo de dança.
Do medo, uma escada.
Do sonho, uma ponte.
Da procura, um encontro.*
(Fernando Sabino)

Um ensaio, uma preparação, uma docência...

Entre interrupções, passos de dança e encontros disparados que se desenrolam no tablado da docência, certa vez, andarilhando pelo território escola – à caça de pistas que interrogassem e problematizassem devires docência³ – as afecções sonoras desprendiam-se de uma das salas localizada no pavilhão superior, tendo, como decoração nas paredes, bambolês de diversas cores e formatos, alunos e alunas de diferentes estaturas e faixas etárias que se encontravam sentados, correndo ou em pé à espera da sua entrada em cena.

Preenchendo o centro da sala, uma professora a bailar distribuía desenhos coreográficos na imitação-invenção de sons que criavam uma paisagem sonora de bando de passarinhos e árvores imaginárias que se misturavam entre Cinderelas modernas que perdiam celulares ao saírem apressadas do baile-aula-ensaio. Essa experiência curricular fazia parte do projeto encampado pela escola em que a professora buscava abordar o tema diversidade cultural com os alunos por meio de dramatizações, envolvendo Cinderelas negras, ruivas, loiras, grandes, pequenas e meninos e meninas e príncipes...

¹ Doutoranda pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rizianeprates@gmail.com.

² Professor de Educação Física do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal da Serra/ES, atuando na Gerência de Formação. Doutorando em Educação – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: andradefranca@ig.com.br.

³ Trata-se de uma pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a Janete Magalhães Carvalho, do Programa de Pós-Graduação em Educação/Ufes. Tinha, por objetivos, problematizar os processos curriculares, o aprender, o ensinar, a constituição docente e as ações vividas no plano de imanência da micropolítica no/do/com o cotidiano escolar.

O drama será aqui tematizado como “processos dinâmicos” que, em sua polifonia, tanto atravessam as composições teatrais, quanto, ao mesmo tempo, segundo Corazza (2013, p. 55), inspirada em Deleuze, “[...] colocam em cena forças e potências que agem nos acontecimentos, em detrimento do que aparece na superfície do pensar: [...], é isso o que significa fazer drama: fazer, agir, performar as ideias, quase encobertas pela ação”.

Assim, apesar de o ensaio-aula-drama se processar em uma das salas da escola pesquisada (ou seria mesmo um castelo?), seu poder de afecção se dava logo na entrada, fazendo-nos imaginar quantas outras tantas Cinderelas não teriam dramatizado, cotidianamente, naquelas escadas, seus medos, sonhos e angústias, desejos e aprendizagens e encontros, a percorrer uma escola-casario do século XVII que funciona no antigo Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, fundado em 1682.



Foto 1 – Uma escola-castelo – Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores

De volta ao palco onde o ensaio-aula acontecia, com suas cenas interrompidas pelas explicações da professora a exigir silêncio e certa leveza e lentidão nos movimentos, fomos remetidos a Deleuze e Parnet (1998), quando dizem que toda aula é uma espécie de ensaio, necessita, portanto, de uma longa preparação. Preparação não desconectada da ideia do corpo espinosano: “O que é um corpo, ou um indivíduo, ou um ser vivo, senão uma composição de velocidades e lentidões sobre um plano de imanência?” (PELBART, 2011, p. 31).

É no plano de imanência que um corpo, uma docência, uma aula, um drama são experimentados como um plano de composição possível. Esses elementos se acoplam, inventam, invadem e habitam temporariamente um determinado estrato de modo disparatado, para depois seguirem seu percurso à deriva e sem se reduzirem uns aos outros.

Num plano de composição, trata-se de acompanhar as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afetos. É um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. Num plano de composição o que está em jogo é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos, disparatados (PELBART, 2011, p. 30).

A deriva, em meio ao corredor da escola, uma composição foi se delineando em meio a afetos, ideias, bons encontros na degustação daquele momento de dramatização, potência inventiva, compartilhamento de um corpo que, em sua vibratibilidade (ROLNIK, 2007), ali se deliciava com os movimentos das crianças, os gestos, os murmúrios. Fomos surpreendidos pela fala da professora, convidando-nos a entrar para assistir de perto ao espetáculo ou aos seus fragmentos.

Afecções, busca por bons encontros e aprendizagens inventivas, dramatizar é preciso...

Entramos no ensaio da peça “As Cinderelas” e sentamos no chão amadeirado em um canto da sala. Após o ensaio, os alunos sentaram-se no chão e começaram uma conversa, como em uma roda de amigos que batem “aquele papo”. A professora se senta ao nosso lado e discorre sobre as cenas da peça a partir das muitas Cinderelas de ontem, de hoje, que perdem sapatinhos, mas também celulares, contando ainda sobre as apresentações passadas que realizou com a turma.

Nesse momento, os alunos, ao perceberem as narrativas da professora, entram na conversa e narram um fato que haviam vivido juntos. Contaram que, no ano anterior, agendaram uma apresentação grandiosa no teatro “Carlos Gomes”, que se localiza no centro da cidade de Vitória, próximo à escola, e a professora, ao tentar organizar a entrada dos alunos no palco, em frente a tamanho alvoroço, sem êxito, começa a chorar desesperadamente. Os alunos, paralisados com a cena, organizaram-se rapidamente e fizeram um *show* no palco, deixando a professora orgulhosa.

Uma atitude, reação inesperada, que implicou uma nova atitude, reação igualmente inesperada, que compôs afinidades, aprendizagens inventivas, processos traçados coletivamente pelos objetivos compartilhados pela dor e desespero que pode se constituir como um bom encontro na medida em que as ideias se conectam para o entendimento do que não quer se tornar o mesmo, um corpo que sofre de seus encontros e afecções pela alteridade que o atinge. “Diante disso, seria preciso retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo” (PELBART, 2011, p. 45).

Teria a professora inventado aquela cena para compor com os alunos em outra perspectiva ao dramatizar papéis existenciais brotados do plano de imanência a partir de condições determinadas? De quais composições se constitui uma docência? “Assim, a própria experiência ensina, não menos claramente que a razão, que os homens se julgam livres apenas porque estão conscientes de suas ações, mas desconhecem as causas pelas quais são determinados” (ESPINOSA, 2011, p. 102-103).

A necessidade de dramatizar persiste na docência e na vida, como condição de aprendizagens interessantes e inventivas que se inscrevem no corpo, em que não é suficiente seguir regras; é preciso um agenciamento com o que se quer aprender. “Aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação” (KASTRUP, 2007, p. 174).

Cenas contadas e dramatizadas com uma cumplicidade que traduz afetos compartilhados, uma afetação mútua que imprimiu respeito, cuidado, carinho com o outro que, naquele momento, era a professora e os alunos em composições a liberaram fluxos heterogêneos e inventivos por meio de relações que se davam no jogo dos encontros.

Acontecimentos que mostram as múltiplas possibilidades de encontros, bons encontros, afetos, afecções e aprendizagens que deslocam, vagueiam, deslizam e criam múltiplas paisagens, como diferença, singularidade. Um grito! Outras brincadeiras, ensaios entram no palco central da escola, peças teatrais que ainda estão por vir, novas invenções, interpretações, devires nos traçados da constituição docente e discente que cada escola é capaz de suportar, compor e encontrar.

Referências

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre – RS: UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

ESPINOSA, Benedictus de. *Ética/Spinoza*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PELBART, Péter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007.